

Um olhar sobre a modernidade e a barbárie

A look at the modernity and barbarism

Edileusa Santos Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris**: o espetáculo da pobreza. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

276

Refletir sobre os conflitos emergidos com a pós-modernidade no mundo ocidental exige um olhar retrospectivo sobre cada uma de suas manifestações presentes. No seu livro, aqui resenhado, *Londres e Paris: O Espetáculo da Pobreza*, Maria Stella Martins Bresciani, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professora titular em História Contemporânea na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), descreve o século XIX e a multidão, que era o tema encontrado nas obras literárias. Os autores da época observavam as cenas de rua onde a multidão era uma presença, apreendiam as paisagens mecânicas e gerais, e os detalhes específicos, com o olhar. Essa exteriorização que trás admiração e espanto promove o encontro de Paris e Londres com sua modernidade.

Maria S. Martins faz do espetáculo das multidões irrompidas nas ruas um tema de estudo, expõe as reações da sociedade perante a desconcertante presença das massas humanas a exhibir suas necessidades. A autora mergulha nas imagens dessa sociedade elaborada pelos homens do século XIX e encontra a massa despida de atributos humanos e individualidade, fazendo parte do viver coletivo de um imenso aglomerado urbano e de uma potência indiscernível, assemelhando-se a espectros. Nas grandes cidades, o transitar das pessoas demonstra o resultado do declínio do sistema doméstico de produção, de maneira tão intensa que a paisagem humana adquiriu aspectos associados ao caos.

Esse espetáculo torna-se visível nos textos dos autores do século XIX e é garantido pelo cotidiano da multidão, que durante o dia, em Paris, se



configura com o despertar para o trabalho, e durante a noite se transfigura em temeridade, com a *nação noturna* formada por prostitutas, criminosos, mendigos, ruídos sombrios e a escuridão, que dificulta a atividade do olhar e transforma as pessoas em formas indefiníveis.

○ olhar, atividade principal para se viver numa metrópole, possibilita a interpretação dos múltiplos sinais que compõe as cenas de rua. ○ repetido olhar do transeunte ao relógio revela que no século XIX as atividades urbanas estavam subordinadas ao tempo cronológico, portanto desvinculadas do tempo da natureza. ○ tempo útil, apesar de abstrato, é gerador de riquezas e disciplina, e promove a repetição diária e mecânica de tarefas.

Edgar Allan observa a multidão de Londres em uma das ruas centrais da cidade, sente-se atraído por aquele formigar humano, e apega-se aos detalhes da figura, das roupas, do andar, dos rostos e expressões, e revela a peculiaridade das figuras que se permitem agrupar e hierarquizar em blocos sociais distintos. Assim, a multidão é composta por pessoas que possuem uma individualidade e que pertencem a uma classe distinta, mas que se confundem quando observadas genericamente.

Com a crescente industrialização houve um inchaço das cidades industrializadas, porém não houve uma infra-estruturação que adequasse essas cidades ao novo contingente habitacional. Nas décadas de 80 e 90 o crescimento da população e da miséria em Londres não permitia as inspirações de Dickens e Poe em relação ao sensacionalismo da multidão. Não era sensacional, era depressivamente triste tamanha pobreza.

○ princípio fundamental da sociedade capitalista apresenta-se intensamente e era retratado na frieza das relações humanas, no isolamento de cada pessoa que fazia parte da multidão e no egoísmo que não permitia perceber no outro um ser com interesses comuns. ○ outro é um obstáculo a ser superado para cumprir as tarefas e alcançar a felicidade, apesar de tratar-se de uma época onde muitas atividades eram realizadas em conjunto.

Havia uma escassez de tudo que sugira conforto, higiene e decência. Nas décadas de 1880 e 1890 os cortiços imundos e fúnebres são tidos pelos londrinos de outras partes da cidade, como um mundo à parte, e são comparados a mundos selvagens, inexploráveis pelos cientistas. Acreditava-se que tal ritmo de vida resultaria numa geração de homens física e mentalmente doentios, o que promoveria implicações econômicas, certamente uma recaí-

da na qualidade da mão-de-obra, gastos maiores na solução de problemas como epidemias e a possibilidade de levantes contestatórios.

Londres era composta por dois e meio milhões de pessoas que viviam uma opulência material acompanhada da degradação humana, segundo afirmações dos observadores contemporâneos. O historiador S. Jones explica a especificidade de Londres, com o fato do seu crescimento populacional não ter sido acompanhado por um crescimento equivalente de emprego. As oportunidades de trabalho eram escassas, o preconceito ao trabalhador londrino crescia junto às correntes imigratórias e era respaldado pelo *darwinismo social*, que sustentava a idéia de hereditariedade da degeneração humana. Para a burguesia da época, esses grupos não se diferenciavam e só despertava a preocupação social quando formavam uma multidão superior ao número de policiais, e manifestavam seu descontentamento nas ruas, como aconteceu no inverno de 1860 e no verão de 1866.

A miséria pode promover ou despertar a consciência, e a autora Maria Stella nos esclarece que aquilo que na Inglaterra é tido como contágio moral, na França é uma ameaça política – o principal medo da burguesia eram as idéias comunistas.

278

Agora aparece uma nítida diferença entre o homem pobre e o vagabundo, pois essa sociedade se institui sobre o pressuposto do positivismo do trabalho, excluindo quem não faz parte dele. Assim, apesar de estar no nível mais baixo da sociedade, a classe trabalhadora se localiza nos seus limites. Mas, pela posição que ocupa na sociedade, é tida como incapaz para resolver questões de cunho político-governamental, pois é incapaz de produzir alta renda, devido a sua racionalidade incompleta; ao passo que os vagabundos transgridem a lei natural, não provendo sua própria sobrevivência com o trabalho, estando então fora da sociedade racional. São tidos como perigosos para a humanidade.

A divisão do trabalho é o macro organizador das atividades produtivas na sociedade. Desde o século XVIII pode-se distinguir o ajuntamento de homens numa multidão e a concentração de homens no sistema de produção. Nesse contexto, a multidão alheia ao trabalho é um incidente e a pobreza é um obstáculo a ser superado com a absorção dos pobres ao mundo do trabalho.



A questão social invadiu a política. A teoria política de Rousseau transformou a compaixão num dever político, a política passa a ser um compromisso com o povo e os revolucionários fazem um uso conveniente disso. Prevalece a idéia de *vontade geral* na política. Robespierre, na revolução francesa, põe em prática os elementos introduzidos na teoria por Rousseau e a multidão é atirada no centro da cena política, onde não se confrontavam tanto as formas políticas de governo capazes de garantir a liberdade, como se discutia a política da felicidade e da abundância.

A imagem agora é de uma multidão revolucionária e o palco propício para sua ação é a Paris do século XIX. A vida cotidiana do povo é examinada minuciosamente. Todos são observados desde seu lar, seus passos nas ruas, até seu trabalho. São tidos como *classes perigosas*. O pobre passa a ser objeto de estudo científico. Equipes de técnicos se incumbiram de estudar e formular soluções para devassar toda vida do povo pobre, para demolir uma revolução. A efervescência revolucionária permaneceu em Paris, ainda que se houvesse aplicado a política de disciplinarização da vida do pobre. Com a Comuna de Paris a multidão dos pobres alcança a praça pública e proclama os seus direitos.

Sabe-se que as revoluções não resolveram os problemas desencadeados a partir da desagregação do sistema de produção doméstico, portando, estamos apenas "num pequeno pedaço de linha que compõe o carretel da história", e o presente texto, ao se concluir, não pretende que se conclua também esse debate, trata-se apenas de uma contribuição, mais ainda, de uma provocação.

Profa. Dra. Edileusa Santos Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia | UESB
Grupo de Pesquisa Fundamentos da Educação | Museu Pedagógico
E-mail | negraraiz@bol.com.br

Recebido 23 abr. 2007

Aceito 20 jun. 2007